

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Sirlei Wolschick de Souza

**A PRESENÇA DA LITERATURA ORAL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

**Porto Alegre
2010**

Sirlei Wolschick de Souza

**A PRESENÇA DA LITERATURA ORAL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientadora:
Profa. Dra. Gládis Kaercher

Tutora:
Rossana Strunz Coelho dos Santos

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho a todos que me auxiliaram na realização do mesmo, em especial à família.

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial da conclusão deste curso quero fazer agradecimentos especiais para pessoas da mesma forma especiais...

... Ao meu esposo Dilo pela compreensão dos muitos momentos que foram dedicados ao curso...

... A minha filha Marília e meu genro Maiquel que sempre me incentivaram a seguir em frente diante de todas as situações...

... A minha filha Jéssica que sempre teve que dividir a mãe com o computador...

... Aos meus pais Werner e Norma que sempre me apoiaram demonstrando orgulho pela formação dos filhos...

... As minhas irmãs Claudete, Marceli e Carine que muito me apoiaram desde minha volta aos estudos...

... Às colegas/amigas Michelle Bremm, Ana Adália da Silveira Martins e Michele Greff pelos trabalhos feitos em grupo, pelas inúmeras conversas acompanhando as dúvidas, dividindo alegrias e muitas angústias ao longo de todo o curso, enfim foram companheiras...

... A colega Silvana Marisa Michels de Negri companheira de gmail e uma pessoa da qual aprendi a respeitar pela sua superação frente aos percalços da vida...

... A minha turma, a qual serviu de inspiração para a realização deste trabalho...

... A professora e orientadora Gládis Kaercher e a tutora Rossana que sempre tinha uma orientação nos momentos de dúvidas pelo gmail gerando longas conversas on line...

... A tutora Simone Bicca Scharczuk que sempre apontou caminhos para a prática pedagógica...

... Enfim, aos demais professores, tutores e colegas que ao longo do curso contribuíram com sua sabedoria para que todos chegássemos ao final.

O manifesto do contador de histórias

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluída que é a palavra.

O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado.

O contador de histórias nos faz sonhar por que ele consegue parar o tempo nos apresentando um outro tempo.

O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe.

O contador de histórias atua muito próximo da essência, e essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só.

Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar.

A arte de **contar histórias** traz o contorno, a forma. Reatualiza a memória e nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo.

A arte de **contar histórias** nos liga ao indizível e traz resposta às nossas inquietações.

Contar histórias é uma arte por que traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser.

Contar histórias expressa e corporifica o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser.

Cleo Busatto

RESUMO

O presente trabalho é resultado de observações de uma turma de Jardim Nível A, numa Escola de Educação Infantil no município de Sapiranga-RS. Tem por objetivo apontar diferenças entre as contações de histórias normais com uso de recursos e da literatura oral onde não se usa recursos. Os autores mais solicitados foram Abramovich, Bettelheim, Coelho, Zilberman, Warner e Meirelles. No referencial teórico encontrou-se subsídios sobre o início da contação oral das histórias, sua importância para o desenvolvimento das crianças e com que frequência ela se encontra dentro do ambiente escolar, uma vez que foi realizada também uma pesquisa com profissionais da mesma instituição sobre o assunto. Percebe-se que se pode propiciar às crianças a forma de contação oral e a contação com recursos com a mesma proporção, pois tudo é Literatura Infantil.

Palavras-chave: Literatura oral. Conto de fada. Literatura Infantil. Leitura. Criança. Escola.

ABSTRACT

This work is the result of observations of a group of Garden Level A, Preschool in the city of Sapiranga-RS. It aims to point out differences between the normal contatões with resource use and oral literature which does not use resources. The authors were most requested Abramovich, Bettelheim, Rabbit, Zilberman, Warner and Meirelles. At a theoretical met subsidies on the start of oral telling of stories, its importance to the development of children and how often it is within the school environment, as was also carried out a survey of professionals in the same institution on the subject. It is observed that can give children the form of oral storytelling and storytelling resources with the same proportion as it is all Children's Literature.

Keywords: Oral literature. Fairy tales. Children's literature. Reading. Child. School.

SUMÁRIO

ERA UMA VEZ... NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10
1. TEORICAMENTE FALANDO	12
2. PASSO A PASSO INVESTIGATIVO	20
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA.....	24
3.1 O poder do encantamento dos contos/Literatura oral	27
3.2 A simbologia das Histórias Infantis.....	31
3.3 Algumas considerações e alertas sobre a simbologia dos contos	33
3.4 O professor e a contação de histórias	35
4. FECHANDO A TEMÁTICA.....	41
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS	48
Termo de Consentimento.....	49

ERA UMA VEZ... NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É encantador ficar observando uma criança a ouvir histórias. A vemos concentrada no enredo e procurando imaginar o que o contador deixa nas entrelinhas. No meu estágio, tive o privilégio de assistir minhas crianças de Jardim Nível A (4-5 anos) sentadas na rodinha me olhando com olhos brilhantes, alguns de boca aberta e outros com os dedos na boca como se estivessem ansiosos pelo desenrolar da história. Aqueles momentos não foram mágicos somente para os alunos, pois eu mesma não imaginava que estava conseguindo encantá-los através da contação sem o uso de recursos, o que depois de minhas leituras terminei por descobrir que se tratava de literatura oral. Partindo disto é que me reporto à minha infância quando não tenho lembranças de contação de histórias pela minha mãe e nem mesmo pela avó. Naquela época morávamos no interior e logo viemos para a cidade grande e aí ingressei direto no Ensino Fundamental perdendo a oportunidade de, pelo menos, na Educação Infantil, ter acesso às histórias. Fico angustiada quando penso nas belas histórias com as quais poderia ter me emocionado ou, ainda, ter resolvido algum conflito na ocasião.

Sempre trabalhei com crianças pequenas e contava histórias fazendo uso de recursos porque aprendi desta forma na minha preparação profissional. Entretanto, com o desenrolar das minhas práticas, principalmente neste importante período do estágio, percebi que podemos propiciar às crianças a forma de contação oral e a contação com recursos com a mesma proporção, pois tudo é Literatura Infantil. A partir disto comecei a ficar inquieta e começou a surgir deste momento a minha questão de investigação: Por que meus alunos estavam se encantando tanto pelas histórias orais?

Mas o que é Literatura Infantil? Podemos considerar como Literatura Infantil todo o acervo literário eleito pela criança, ou seja, são os livros que têm a

capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o despertar das crianças pelas histórias, principalmente pela simples contação oral. Daí a necessidade de se trabalhar a Literatura Infantil nas escolas com os objetivos de se trabalhar a interdisciplinaridade desenvolvendo a coordenação motora da criança, a cognição, a imaginação e o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Sabemos que as crianças ingressam na escola cada uma com suas dificuldades, trazendo consigo sua bagagem. É preciso um grande esforço do educador para possibilitar e motivar os alunos na construção do conhecimento, através de metodologias criativas, para encarar o mundo da escrita, principalmente a utilização das histórias infantis trazendo o enriquecimento de novas experiências. Sendo assim, desde o início do meu estágio partimos para o projeto “Moradia de cada um”. Este tema surgiu a partir de passeio e observação de imagens. Era certo que este tema traria muitas aprendizagens, pois poderíamos ir além das casas dos alunos, trabalhando a localização, cuidados, cooperação, bairro... E, acima de tudo, iríamos fazer uso da literatura para alcançar os objetivos almejando desta forma a criatividade, o interesse e a motivação dos alunos.

Sendo assim, faz-se necessário motivar as crianças para o prazer da leitura ouvindo boas histórias e, da mesma forma, mostrar a importância do recurso intelectual que nos permite descobrir, desenvolver, compreender e entrar em contato com sentimentos e emoções. Sobretudo a literatura infantil é uma produção artística. Abramovich destaca que:

[...] Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... é encantamento, é dedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada... Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a de que decorre do ouvir uma boa história. (ABRAMOVICH, 2004: 24)

Atualmente destaca-se uma sociedade que vem se esquecendo das crianças e de sua ludicidade, pois o que mais encontramos nas escolas são professores querendo alfabetizá-las desde os primórdios da Educação Infantil. Vários estudos mostram a importância de se desenvolver a criatividade e a ludicidade através das histórias. Mas as escolas não conseguem realizar um planejamento escolar que não

seja apenas pedagógico. Assim, as crianças estão cada dia sendo mais vítimas das falhas dos adultos que estão arrancando a sua liberdade de brincar, imaginar, fantasiar, entre outros.

1 TEORICAMENTE FALANDO...

Ao ler a obra de Fanny Abramovich pude confirmar minhas concepções sobre a contação das histórias e, ao mesmo tempo, refletir sobre minhas práticas nos últimos anos de docência. A autora defende a contação oral pelo simples prazer de ouvir. Posso afirmar que seu posicionamento frente às contações resultou em alguns conflitos dentro da minha prática pedagógica. Foi neste curso de Licenciatura em Pedagogia, após o desenrolar do estágio, é que me dei conta da importância de contarmos a história oralmente às crianças. Ficava muito preocupada em fazer uso de recursos devido às cobranças de coordenadores. Porém, agora conseguirei argumentar de forma satisfatória se for questionada quanto ao uso mais freqüente das contações de histórias nas minhas práticas, pois certamente este hábito será implementado daqui para frente. Em vista disto, muitas vezes não nos damos conta que contando as histórias já estamos proporcionando a interdisciplinaridade de conteúdos aos alunos. Quando Abramovich (2004) menciona, em uma de suas falas, que o livro da criança que não lê é a história contada, podemos verificar a amplitude deste fato dentro da Educação Infantil. É na história contada que a criança imagina características dos personagens deixadas nas entrelinhas pelo contador, dá asas à imaginação quando ouve uma rápida descrição do cenário e desenvolve a oralidade. Desta forma, o contador deve oferecer breves detalhes do espaço e personagens para que a criança tenha este prazer em “criar” seu personagem e espaço conforme suas vivências. As vivências de cada criança é que proporcionam a criação dos detalhes e cenários das histórias contadas, pois a criança que possui mais contatos com ambiente alfabetizador, mais contato com outras pessoas e outros segmentos que não somente a família, é que terá maior facilidade de imaginar e criar um cenário ou um personagem com maior detalhamento.

Durante séculos, a aprendizagem foi realizada através da transmissão oral. Não existiam livros, escolas, nem a infância como a concebemos hoje. Através dos

mitos, dos contos, do teatro e de todas as formas possíveis de comunicação oral e corporal, transmitiam-se valores e regras sociais. Com a invenção da prensa tipográfica, em meados do século XV, criou-se um novo mundo simbólico e uma nova tradição: a leitura. As escolas proliferaram e os livros assumiram uma função primordial na educação e na instrução. O grande problema é que segundo Zilberman (1993) “A escola na sua função alfabetizadora está valorizando somente “a escrita”, de tal maneira que menospreza a função lúdica da Literatura Infantil que é tão importante para a formação de seres pensantes, pois a leitura estimula a imaginação”. Somando a esta idéia venho contribuir com a discussão e acrescentar que se acabou subestimando a linguagem oral, muitas vezes confundida com analfabetismo e cultura primitiva. A oralidade, a leitura e a escrita são atividades integradas e complementares, sendo que o primeiro contato da criança com o texto se dá através da narração oral, independentemente de estar ou não vinculada ao livro.

Da mesma maneira, há tempos atrás, a sociedade não dava importância para a criança, considerava-a como adulto. Ela não precisava brincar, tinha suas tarefas para auxiliar os adultos e ficava sempre na companhia da mãe em casa. Depois da era industrial onde a família começou a trabalhar fora de suas propriedades é que teve início uma mudança nos hábitos. Aos poucos as mães também começaram a sair de suas casas para ajudar no orçamento familiar e, desta forma, tiveram que optar por escolas para deixar seus filhos. Assim, as escolas de Educação Infantil e as famílias passaram a dividir a tarefa de oferecer a literatura às crianças. Porém a primeira ideia desta escola era direcionada ao cuidar somente. Volto a concordar e recolocar as palavras de Zilberman (1993) onde relata que persistindo ainda em erros, agora a escola na sua função alfabetizadora está valorizando somente “a escrita”, de tal maneira que menospreza a função lúdica da Literatura Infantil que é tão importante para a formação de seres pensantes, pois a leitura estimula a imaginação e, assim, vai desencadeando muitas outras aprendizagens importantes para a fase inicial da criança. Muitas vezes a família tende a reforçar essa concepção dando preferência à alfabetização do que uma educação saudável onde a criança brinca, aprende valores, desenvolve a oralidade, a imaginação e tem acesso à literatura infantil. Também, Zilberman (1994) nos traz outro agravante

quando conclui que os livros não eram produzidos para as crianças, eram como se a infância não existisse.

Em contrapartida, acredito que o conteúdo descrito pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, publicados pelo Ministério da Educação e Cultura em 1998, referindo-se ao comprometimento da Educação Infantil em promover o interesse da criança pela leitura, familiarizando-se aos poucos com a escrita e o contato constante com diferentes portadores de texto e leitura expressa de forma significativa, deva estar presente nas instituições e, ainda, complementadas pelas famílias dos alunos. Nas minhas práticas, dentro da Educação Infantil, já fui muito cobrada em reuniões de pais sobre qual seria o momento que seu filho iria aprender a ler e a escrever. Decepcionados, eles ouviam que o objetivo da Educação Infantil não é alfabetizar e, sim, desenvolver e prepará-los para esta etapa importante, a alfabetização. Sempre procuro lembrar aos pais que um ambiente totalmente alfabetizador e letrado em que a criança participaria diariamente iria contribuir de forma significativa para esta finalidade. Também era apontado o momento importante do brincar. Seria neste momento que tudo isto seria percebido pelas crianças. Mesmo assim, os pais manifestam-se na preferência do saber ler em detrimento do brincar e aprender.

Dos muitos assuntos que li sobre os contos, o que mais chamou atenção é que os mesmos são tão ricos que tem sido fonte de estudos para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundado no seu eixo de interesse. Bruno Bettelheim (2002), psicólogo, é um de seus estudiosos mais importantes. Ele defende a história contada pela “leitura emocional” que ela propicia e que deve vir carregada de emoções e sentimentos quando afirma que:

[...] a leitura de uma história para a criança deverá ser realizada com todo um envolvimento emocional na história e na criança, com empatia pelo que a história pode significar à ela. (BETHEIHEIM, 2002)

Podemos encontrar outro autor, Coelho (1997), afirmando que “... a criança é atraída particularmente pelas histórias bem humoradas em que a astúcia do fraco vence o mal”. Penso que as duas concepções encaixam-se em situações diferentes, ou seja, dependendo do enredo da história contada podemos encontrar

encantamento pelas emoções ou pela astúcia e bom humor da história. No período do estágio a turma identificou-se mais com as histórias que continham astúcia do fraco vencendo o mal, principalmente na história “Os sete cabritinhos” onde a mamãe vence o lobo mau, identificando dessa forma a concepção de Coelho.

Mal sabemos, nós educadores, que segundo Bruno Bettelheim (1980), os contos de fadas são os mais indicados para ajudar as crianças a encontrar um significado na vida, pois, ao estimular a imaginação, desenvolver o intelecto, harmonizar-se com suas ansiedades e tornar claras suas emoções, os contos são enriquecedores, satisfatórios e ajudam a aliviar as pressões conscientes e inconscientes. Este conhecimento da função do conto sobre as emoções das crianças me passou despercebido nas demais leituras e aprendizados sobre as contações de histórias durante toda a minha prática educacional. O autor faz uma comparação de resultados em sala de aula apresentando contos narrados e lidos quando afirma tal situação.

[...] quando tais contos são lidos em sala de aula, pouco contribuem para as crianças porque logo dão lugar à outra atividade, diluindo-se, dessa forma, a impressão causada pela história. O narrar, ao contrário, possibilita que as crianças mergulhem na história e possam meditar sobre ela. A audição cria uma atmosfera de intimidade que favorece a conversação posterior. (BETTELHEIM (1980)

Nos momentos da realização do estágio, observei o fato citado pelo autor. Nos dias em que contava a história sem recursos, as crianças ficavam na rodinha após a audição questionando fatos relacionando à história contada. Enquanto que nas demais contações narradas e com recursos logo dispersavam e havia mais dificuldade em retomarmos para dar continuidade às atividades seguintes.

Retomando a questão da oralidade, Paul Zumthor (1979) destaca que “... tanto no presente como no passado existe uma poética da voz. Tal poética manifesta-se por diversas funções sociais ritualizadas pela palavra”. Mas, apesar de muitos contos terem chegado até nós pela escrita, sua sobrevivência na história deve-se à tradição oral. Não podemos esquecer que a cultura é um fenômeno humano, organizada em códigos simbólicos de relações e valores representados pelas tradições, religiões, leis, política, ética, artes e outros. A criança em idade pré-escolar adquire a maior parte de seus conhecimentos através da transmissão oral.

Os adultos com quem convive são os que a introduzem no uso da palavra. Zumthor (1979) complementa esta situação.

[...] a oralidade é, portanto, dinâmica, pois ao preservar o mito ela tem de se adaptar às novas circunstâncias, como fator de transmissão cultural e de valores. A oralidade é movimento. (ZUMTHOR,1979)

Penso que na Educação Infantil o desenvolvimento da oralidade é fundamental para as crianças. As habilidades de leitura e escrita estão integradas à oralidade dentro das diversas propostas do professor. A intenção da Educação Infantil é a de trabalhar a linguagem oral da criança de uma forma mais ampla do que costuma ocorrer em grande número de escolas. Para isso, a roda de conversa tornou-se uma rotina nestas instituições. Contudo, essa atividade corre o risco de tornar-se um monólogo, em que as crianças respondem em coro às perguntas da professora. Em contrapartida, o ato de contar histórias é valorizado, mas diretamente vinculado à leitura do livro. A linguagem oral é trabalhada em situações cotidianas, de forma a estimular a criança a relatar uma situação vivida ou a resolver um problema em conjunto com seus colegas. No cotidiano podemos dizer que o uso de atividades pedagógicas após a leitura é colocado como desnecessário, a não ser quando fizer parte de um projeto mais amplo. E, o que mais se verifica é que a leitura de uma história pelo professor é apresentada mais como uma atividade que pode favorecer a alfabetização, do que um momento de prazer. Ainda damos mais importância ao conhecimento que se pode obter com essas histórias e não a emoção ou o prazer que elas possam despertar. A partir disto, observando as práticas podemos nos reportar aos projetos que construímos com os alunos onde colocamos as histórias, mas sempre, a partir delas é que iremos desenvolver os conteúdos. É desta forma que nos foi ensinado. Precisamos mudar esta visão de somente propiciar histórias para desenvolver os conteúdos solicitados no currículo. Enfim, acabamos por esquecer-se de planejar as histórias pelo simples prazer de ouvi-las. Agindo constantemente desta forma estaremos simplesmente contribuindo para o esquecimento da importante prática de contação de histórias orais, principalmente na Educação Infantil.

Ao nos referirmos aos narradores de histórias, segundo Walter Benjamin (1994, p.215), “o primeiro narrador é e continua sendo o narrador dos contos de

fadas”. Do mesmo modo Marina Warner (1999, p. 449) completa esse pensamento ao dizer que “os narradores dos contos de fadas sabem que um conto, para cativar, deve levar os ouvintes ao prazer, ao riso ou às lágrimas”, pois, “se falharem, ninguém mais irá querer ouvir suas histórias”. Meireles, 1984, p. 55 também lamenta a ausência dos contadores de histórias dizendo que

[...] mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias ocuparam, no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. (...) quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias. MEIRELES, 1984

Encontramos uma diferença entre o narrador oral de Benjamin e o intérprete oral de Zumthor. Pela concepção de Benjamin fala-se em narração, enquanto que Zumthor fala em performance. Nesse sentido, o relato oral individualizado pelo estilo do autor, concede liberdade de interpretação ao ouvinte sem imposição de sentido. A performance também é individual, mas o intérprete pode manipular a recepção, pois não há o distanciamento do texto escrito. Mesmo assim, nas duas concepções o contador de histórias resgata a tradição oral e ao mesmo tempo estimula a imaginação do ouvinte. A mensagem é auditiva e não visual. Benjamin (1994) diz que

[...] contar histórias é uma arte: é necessário captar o ritmo e a cadência dos contos, fazer as pausas no momento certo, não entrar em descrições cheias de detalhes, criar um clima de envolvimento e de encanto, e, acima de tudo, usar todas as modalidades e possibilidade da voz – sussurrar, imitar os ruídos, as vozes dos animais, as inflexões que indicam suspense e clímax. (BENJAMIM, 1994)

Quando contei minhas histórias fiz uso dos recursos orais mencionados por Benjamin e houve muito envolvimento dos alunos. As reações foram extraordinárias resumindo-se em olhos atentos, dedos na boca, boca aberta, enfim, perplexidade conforme o enredo ia se desenrolando.

Conforme minhas leituras foram se desenvolvendo verifiquei com alguma tristeza que segundo diz Walter Benjamin (1994, p.200-201), a figura do narrador oral, contudo, está se esmaecendo na atualidade, pois cada vez diminui o elenco de pessoas que sabem narrar: “a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. Como podemos resgatar então a

tradição dos contadores de histórias tão importante para as crianças? Nas escolas podemos manter esta tradição contando histórias na rodinha, no pátio, enfim, o lugar é o que menos interessa, pois o que interessa é o prazer de se ouvir boas histórias e, nas entrelinhas, desenvolver a imaginação, a criatividade e a oralidade dos nossos alunos. Acredito que durante meu estágio consegui fazer parte deste resgate quando proporcionei as contações orais aos meus alunos e eu, como educadora, me percebi perplexa com o envolvimento deles.

Lendo alguns textos sobre contações de histórias acompanhei o surgimento de algumas obras literárias infantis, as quais surgiram da contação oral que se fazia desde os primórdios e que alguém numa certa ocasião resolveu transformar em livro infantil. O mesmo autor, Benjamim (1994), faz uma relação entre as obras narradas e sua posterior escrita. Quando diz que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Benjamin (1994, p. 198). Também Cecília Meireles (1984, p. 49) participa do mesmo pensamento quando diz que “o gosto de contar é idêntico ao de escrever”, “os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores” e “o gosto de ouvir é como o gosto de ler”. Desta forma podemos entender que as histórias escritas nos livros vieram das histórias contadas de geração em geração.

Desde o início, as mulheres também desempenharam um papel de destaque como contadoras de histórias e como fortalecedoras do laço social. Segundo Marina Warner (1999) os narradores de histórias, traçam sua trajetória desde a tecelã, a feiticeira, a velha mexeriqueira, a literata – vozes femininas; ao escritor, compilador, cineasta, psicólogo e terapeuta – vozes masculinas. Warner, ao apontar o papel ímpar das mulheres na narração de histórias, resgata a tradição da Sibila, profetisa do oráculo no templo de Apolo, que diante da expansão da cristandade, esconde-se em uma gruta e pratica suas artes mágicas, uma delas, a de contar histórias de fadas. Tais contos, tidos por muitos como “conto das velhas”, “conto das avós”, “contos das fiandeiras”, denotam a luta das mulheres para expressarem sua opinião em uma sociedade tipicamente masculina. Em sua obra Warner pesquisou a origem dos contos de fadas e esclarece que os ditados populares na Europa enfocam os gansos como criaturas emblemáticas de mulheres mexeriqueiras. Além disso, o

ganso era associado com funções inferiores, realizadas por mulheres. Daí surgiu as “Histórias da mamãe Gansa”. Ainda, segundo a autora (311), “o conto de fadas, enquanto forma, lida com limites” e tais limites são, muitas vezes, impostos pelo medo: um de seus temas fundamentais trata de um protagonista que parte para descobrir o desconhecido e vence seus temores.

O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” mostra Busatto, 2003, pág. 10.

O conto da tradição popular, por ser econômico, se revela rico em imagens conforme Busatto, 2003, p. 55. Assim o ouvinte vai construindo todo o contexto da história conforme o que é sugerido pelo contador ao revelar as imagens do conto; imagens reveladas “a partir das formas, cores, sons e sensações presentes no seu corpo”. Essa é a grande magia das histórias, viajarmos para qualquer lugar, sem sairmos do lugar. Com tudo isso, podemos afirmar que a história contada agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou modo de vida.

[...] É através de histórias que se podem descobrir outros lugares em outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, geografia, sociologia filosofia política, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 2004:17)

Com o cotidiano das escolas agitadas, os professores estão sempre procurando métodos que deixem seus alunos interessados e motivados. Com crianças muito agitadas devemos propiciar aulas bem agradáveis e de preferência como diz Abramovich “não ter cara de aula”. Encontrei estas dificuldades com a minha turma e precisei fazer uso dos mais diversos recursos, principalmente as histórias, para conseguir a atenção e participação positiva nas atividades desenvolvidas.

2 PASSO A PASSO INVESTIGATIVO

A realização do Estágio Curricular foi um dos requisitos para a obtenção do diploma de Pedagogia. Na medida em que o mesmo foi acontecendo, a observação de meus alunos durante as contações de histórias me inquietou muito. Qual seria o motivo que estavam se encantando tanto com as histórias contadas oralmente? E, a partir disto, passei a refletir sobre algumas questões as quais eu não tinha resposta pessoal para elas. Quem não se lembra dos contos de fadas contados ou lidos pelo pai, mãe, tias, avós ou professores? Quem não se lembra das histórias maravilhosas com enredos mirabolantes, com fadas, príncipes e bruxas? Quem consegue esquecer-se do “era uma vez” e do marcante “foram felizes para sempre”? Quem não se lembra dos agradáveis momentos de fantasia vividos durante a leitura ou a audição de uma história? Quantos de nós já foram solicitados a recontar ou reler uma história encantada? Reafirmo que muitas destas questões eu não consigo encontrar respostas uma vez que não tive oportunidades dentro da família e do ambiente escolar para ouvir histórias. Então a partir disto comecei a pensar na relação da literatura oral e contos dentro do ambiente escolar junto a minha turma com a qual realizei o estágio, pois em muitos momentos me percebi espantada com a reação deles quando aconteciam as contações. Para isto foram necessárias muitas leituras onde encontrei subsídios que explicariam como se iniciou a contação oral das histórias, sua importância para o desenvolvimento das crianças e, ainda de que maneira e frequência ela se encontrava dentro do ambiente escolar. Os autores mais solicitados nestas leituras foram Fanny Abramovich, Bruno Bettelheim, Coelho, Regina Zilberman, Marina Warner e Cecília Meirelles. Por conseguinte procurei estabelecer uma relação destes teóricos com a minha prática, com a reação dos meus alunos e com as práticas de professores da Educação Infantil.

Estabeleci como metodologia a Pesquisa Qualitativa, pois a mesma possui como natureza de pesquisa um cunho qualitativo baseado em observação de fatos reais, estudo de caso e pesquisa bibliográfica. O objetivo da pesquisa é explicativo já que pretendo estabelecer um diálogo entre minhas inquietações à luz dos teóricos. Quero realçar os valores, as crenças, as representações, as opiniões, atitudes e compreender os fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna das minhas inquietações. Durante toda a pesquisa, a coleta de dados foi feita a partir de observações, falas durante as aulas, registros no diário de campo, no caderno de acompanhamento, no caderno de planejamento, interações entre os alunos e interações entre os alunos e a professora (eu).

A percepção sobre a prática docente de estágio curricular será considerada como campo empírico, ponto de partida para reflexão, sendo as falas dos entrevistados consideradas na sua exemplaridade, para dar consistência à presente discussão. Trabalhar com os conteúdos latentes do indivíduo em sala de aula proporciona uma análise geral a cerca da possibilidade da docência de adultos através da atividade pedagógica tão presente na Educação Infantil: a contação de histórias.

Ao finalizar o período de prática durante o estágio, levando em consideração as questões orientadoras, procedeu-se a necessidade de mais uma pesquisa com o intuito de ampliar a reflexão sobre as contações de histórias, buscando desta forma a análise da intervenção aplicada no período. Gil nos relata que:

[...] A pesquisa exploratória objetiva através da análise da observação empírica, proporcionar um maior conhecimento acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL,1999).

Então, fiz uso da pesquisa de inspiração etnográfica, ou seja, uma metodologia da antropologia, pois se buscou um jeito diferenciado de fazer a pesquisa, uma vez que professores da Educação Infantil da instituição contribuíram relatando suas práticas através de uma entrevista semi-estruturada. Além disso, estou inserida neste contexto observando falas de educadores e posturas das crianças em relação às contações de histórias, também a prática do fazer

pedagógico para esta demanda e a análise das entrevistas semi-estruturadas buscando saber a opinião de educadores sobre a presença das histórias no contexto escolar. Segundo Victora:

[...] a abordagem etnográfica se constrói tomando como base a ideia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referencia o contexto social onde eles atuam. (VICTORA, 2000, p 53)

Como técnica de registro dos dados, utilizei o diário de campo. Segundo Bogdan e Biklen:

[...] As notas de campo são: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo. (BOLGDAN e BICKLEN, 1994, p.50)

O conteúdo das notas de campo é descritivo e reflexivo. A parte descritiva representa o esforço do investigador para registrar objetivamente os detalhes que ocorreram no campo. A parte reflexiva é onde aparece o ponto de vista do observador, são as reflexões do observador sobre os acontecimentos, suas idéias, preocupações e emoções geradas na experiência.

O estudo de caso ocorreu numa instituição municipal de Educação Infantil dentro do município de Saporanga. A instituição funciona nos turnos manhã e tarde, conta com 114 alunos, 8 professores, 5 funcionários, 3 estagiários do CIEE, direção e coordenadora. A escola foi adaptada para a Educação Infantil. No prédio funcionava, anteriormente, uma escola de Ensino Fundamental. O prédio da escola foi construído em vários níveis, precisando de escadas para acessar várias dependências. O andar superior necessitou de telas de proteção nos parapeitos. No segundo piso estão localizadas as salas dos Jardins A e B. Os banheiros ficam no andar de baixo dificultando a rotina das crianças. O acesso ao ginásio é ainda mais longo todo percorrido por escadas. Entretanto, as salas de aula são amplas e bem arejadas. O refeitório é pequeno de forma que atende uma turma de cada vez.

Sou titular da turma com a qual estagiei, portanto tenho conhecimento das especificações da sala de aula e da turma em si. Sou formada em magistério e dou aula há oito anos na Educação Infantil. Tenho o hábito de utilizar o caderno de

planejamento onde coloco meus objetivos, a rotina, as atividades espontâneas, coletivas e diversificadas e a avaliação do dia. Procuro contemplar os conteúdos básicos da Educação Infantil que estão à disposição no Plano de Estudos, sendo estes separados em eixos como Identidade e Autonomia, Movimento, Linguagem Musical, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Pensamento Lógico-Matemático e Natureza e Sociedade.

Na Educação Infantil utilizamos a observação como principal instrumento de avaliação. A turma em questão é atendida pelo Projeto de Educação Física em três dias diferentes da semana com outra professora. Faço uso dos mais variados recursos com meus alunos, dando prioridade ao concreto e expressão oral. A sala possui seis mesas que agrupam quatro alunos cada. Sendo assim, quando todos os vinte e cinco alunos estão presentes, uma mesa fica com cinco alunos. Faço desta forma para não ocupar o espaço com mais uma mesa por causa de um aluno. Acredito muito no trabalho em grupo para promover a cooperação e socialização, porém grupos pequenos. Organizo a turma em fila separando meninos e meninas. Fazemos a rodinha para iniciar a aula, contar histórias, contar novidades, cantar e conversar. A sala é bem organizada e recentemente passou por reformas na pintura para ser inaugurada. Temos cortinas para utilizar quando há necessidade de proteção pela incidência do sol. É arejada e possui um ventilador. A turma de Jardim Nível A é composta de vinte e cinco alunos. Destes, treze são meninas e doze meninos. Percebe-se pouca variedade de etnias na turma, sendo que temos uma menina negra que é bem aceita no grupo. Foi realizado o período das entrevistas com os pais para conhecer melhor o perfil das famílias e para a escola interar-se dos problemas dos alunos e comunidade. Tenho uma aluna que é adotada, uma com deficiência auditiva e dois alunos que nunca freqüentaram escola. Ainda encontrava-se na turma uma aluna com deficiência auditiva parcial que gritava dentro da sala, também dispersando os demais. A turma é bastante agitada. Havia alguns alunos indisciplinados e briguentos o que terminava por agitar os demais. Fiquei muito preocupada com esta situação. Com uma turma numerosa e agitada, estive sempre procurando atividades interessantes e métodos com os quais pudessem concentrar-se. A partir desta procura e das orientações da professora e tutoras é que decorreu toda minha preocupação com as contações de histórias, em

como apresentá-las às crianças e enxergar no final de tudo a importância destas dentro do ambiente escolar.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA

O maior engano que cometemos é ver a criança como um adulto em miniatura. Ela precisa falar, correr, saltar, jogar, brincar, rir, sorrir, fazer, para mais tarde compreender melhor o seu contexto sociocultural. Percebo isso no dia-a-dia com meus alunos quando passamos pelos corredores da escola quando não conseguem caminhar na fila, quando não conseguem apreciar o trabalho das outras turmas sem tocar, necessitando que a professora os lembre “vamos olhar com os olhos, não com as mãos”. É preciso, apesar de todas as adversidades, criar no interior da sala de aula um ambiente de prazer, de alegria, de paixão e de troca. Enfim, propor atividades que realmente desperte na criança a paixão de conhecer e o prazer de aprender, entre elas a contação de histórias. Zilberman (1993) vem mostrar, em seu texto, que a nossa cultura está ainda muito impregnada do domínio do século passado, quando as crianças eram afastadas de todos os objetos culturais. Os livros não eram produzidos para as crianças, eram como se a infância não existisse. As crianças eram consideradas como adultos, compartilhando o mesmo espaço destes. Surge então a necessidade de mudar esse conceito de infância, para que a criança pudesse ter seu espaço, ser tratada como criança e a afetividade se fizesse mais presente em sua vida.

No período de estágio, procurei motivar os alunos e as famílias no sentido de melhorar o ambiente de sala de aula, tornando-a mais atrativa aos momentos de leitura e, especialmente, a contação das histórias. E, assim, criar um cantinho especial. Entretanto, no espaço para este fim dispunhamos somente de tapete e os livros ficavam na prateleira fora do alcance das crianças. HORN abre uma reflexão quando afirma que:

[...] Penso que a organização do espaço físico em cantos, em zonas semi-abertas, possa constituir-se para alguns educadores como uma forma

de controle através de arranjos espaciais, pois o professor observa e controla todas as ações das crianças sem ser o centro da prática pedagógica. O que quero dizer é que o simples fato de organizar a sala de aula dessa forma não garante uma atuação descentralizada por parte do adulto e, conseqüentemente, a construção da autonomia pela criança. (HORN, 2004, p.25)

Desta forma, iniciamos a mudança com a confecção da biblioteca com material de TNT na forma de sapateira a qual ficou fixada na parede junto ao tapete e, desta vez, com os livros ao alcance deles. Para complementar a mudança, as famílias contribuíram com almofadas para tornar este cantinho da leitura mais aconchegante e confortável. Depois disto passamos a ter, além do tapete, biblioteca ao alcance e as almofadas para as leituras e contações. Esta mudança foi bastante significativa, pois agora os alunos procuram os livros quando terminam as atividades ou mesmo fazem uso do espaço quando já estão cansados ao final da tarde e aguardam a chegada dos pais.

Acredito que um dos pontos positivos da evolução do Estágio Supervisionado e do projeto realizado neste período foi a participação efetiva da família nas atividades propostas. Para Trancredi e Reali (2002), envolver a família no cotidiano escolar das crianças pode significar uma interação entre as duas instituições, escola e família, com vistas a conhecerem-se melhor e realizar um trabalho em conjunto. As palavras dos autores vieram ao encontro das vivências deste período.

Na prática, faço uso dos mais variados recursos com meus alunos, dando prioridade ao concreto e expressão oral, uma vez que acredito que crianças desta faixa etária, quatro e cinco anos, precisam movimentar-se, ver para aprender e desenvolver bastante a oralidade. Um dos momentos mais prazerosos dentro da Educação Infantil e que contribui de forma significativa para o desenvolvimento da oralidade é a rodinha. Ali damos início à aula, contamos histórias, contamos novidades, cantamos e conversamos. É este o momento onde paramos também para reforçar nossas combinações que muitas vezes faz-se necessário. Enfim, podemos considerar a rodinha como um espaço mágico que serve de alicerce para o andamento das aulas. Moran ajuda-me nas minhas concepções sobre a rodinha quando fala:

[...] Educar é procurar chegar ao aluno por caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia. É partir de onde o aluno está, ajudando-o a ir do concreto para o abstrato, do imediato para o contexto, do vivencial para o intelectual, integrando o sensorial, o emocional e o racional. (MORAN, 1991:146)

Além da organização da biblioteca com seu respectivo canto, consegui ainda confeccionar sacolas de leitura que continham livros doados pelas famílias onde os alunos as levavam para casa nos finais de semana para que a família também fizesse parte deste processo importante de contação de histórias. No retorno, na segunda-feira, sempre se faz, na rodinha a “cobrança” da contação das histórias. Voluntariamente, contavam as histórias. Alguns episódios chamaram a atenção nestes momentos, os quais foram registrados nas reflexões semanais dos planejamentos: “Uma das alunas não trouxe a sacola no dia e questionei se a mãe havia contado uma história e ela disse que não, perguntei do pai e ela falou que o pai estava na cadeia (“tá na cadeia pofe”). Então, disse a ela que na outra oportunidade, certamente, a mãe iria ter tempo para contar a história pra ela. Agora não sei se isto é verdade ou se ela associou o acontecido da praça (movimentação de policiais à procura de bandidos na quadra da escola) com a cobrança da sacola da leitura. Perguntei para a avó no final da tarde e, infelizmente, era verdade.” Segundo Bruno Bettelheim (1980), os contos de fadas são os mais indicados para ajudar as crianças a encontrar um significado na vida, pois, ao estimular a imaginação, desenvolver o intelecto, harmonizar-se com suas ansiedades e tornar claras suas emoções, são enriquecedores, satisfatórios e ajudam a aliviar as pressões conscientes e inconscientes.

[...] A partir dos cinco anos, a criança percebe que os contos de fadas não fazem parte da realidade externa, mas deixa-se seduzir por eles porque se harmonizam com sua realidade interna. Ela sabe que “a verdade dos contos de fadas é a verdade de nossa imaginação” (BETTELHEIM, 1980, p.148).

Por conseguinte, solicitei então aos demais e, prontamente outra aluna quis contar sua história sobre princesas. E, até me surpreendi, pois a mesma sempre se mostrou mais retraída que os demais na rodinha. Ela contou sua história, porém de forma bem mais resumida. Verifiquei um grande avanço para ela que sempre se mostrou tímida até o momento. Desta forma acredito que tanto as contações de

histórias como também o incentivo da família estão auxiliando a aluna a sentir-se mais segura para expor-se oralmente frente ao grupo.

Num outro momento, a mãe de um aluno pediu para ficar mais um dia com a sacola de leitura porque não conseguiu contar as cinco histórias da sacola. Então disse a ela que não era necessário contar todas as histórias, mas se ela tem esta vontade poderia levar por mais tempo. Fiquei bem satisfeita, pois desta forma, ainda temos famílias interessadas em caminhar junto com a escola na educação dos filhos e, principalmente, na manutenção do costume dos pais de contarem histórias aos filhos ou, como para muitas famílias, dar início a esta prática.

Não podemos esquecer que as histórias contadas pelos pais ou avós, durante muitos anos, estiveram presentes nas horas que antecediam o sono das crianças de milhares de famílias. Assim, ainda que inconscientemente nos permitiam fantasiar e simbolizar, dando asas à imaginação a algumas questões que precisavam ser elaboradas. Nas histórias podemos encontrar muitas das nossas inquietações, pulsões, angústias e relações “disfarçadas” nos personagens ou mesmo nos seus enredos. Convivemos com a rivalidade fraterna, com o ciúme, com o irmão que passa, por transferência, a perseguidor, a ambigüidade das figuras materna e paterna; a mãe boa, a mãe suficiente e necessariamente má, o pai omissivo, o idealizado, o real, o fantasiado, o terrível, aos desejos de justiça e aos castigos merecidos.

3.1 O poder do encantamento dos contos/literatura oral

Mas então qual seria o motivo pelo qual o conto de tradição oral encanta tanto as crianças? É por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior que existe o encantamento pelos contos orais. Ao narrar um conto se concede ao ouvinte a possibilidade de criar o seu cenário, a sua música e as suas cores. Assim, o mesmo conto nunca irá provocar as mesmas emoções para cada ouvinte. Isto dependerá da história de vida de cada um (a princesa será diferente, o

cenário terá cores diferentes pra cada um, a floresta será mais ou menos densa). Enfim a história será única para cada um que ouvi-la.

Os contos de fadas são tão ricos que tem sido fonte de estudos para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundado no seu eixo de interesse... Bruno Bettelheim (1980), psicólogo infantil, um de seus estudiosos mais importantes e fecundos é quem alerta relatando que explicar para uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela, destrói, acima de tudo o encantamento da história, que depende, em grau considerável de a criança não saber absolutamente por que está maravilhada.

Bruno Bettelheim, 1980, relata ainda que os contos encantam pela sua qualidade literária pois “o conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte” (pág. 20) continua afirmando que o poder regenerador dos contos de fadas criam uma ponte com o inconsciente propiciando à criança conforto e consolo em termos emocionais por conterem elementos simbólicos. (pág.15)

Em contrapartida, Ítalo Calvino 2001 acredita que o poder e encantamento dos contos de fadas se devem principalmente pela espera das sucessivas repetições de frases e situações dentro da estrutura do conto (João e Maria quando a bruxa pede: “Joãozinho, mostra-me teus dedos, pra eu sentir se já estás gordinho?”)

Isto foi confirmado em sala de aula quando comecei a contar, oralmente e sem recursos, o clássico referido acima por Calvino e todos prestaram bastante atenção. Ficaram com os olhos arregalados quando contei da parte do João que foi preso numa gaiola. Acharam graça quando João dava um ossinho para a bruxa ver se ele estava gordinho. Até repetiam em coro junto com a professora “Joãozinho, mostra-me teus dedos, pra eu sentir se já estás gordinho?”

Foram várias situações dentro do período do estágio que percebi este encantamento dos alunos quando contei a história sem o uso do livro, pois o mesmo não tinha figuras muito atrativas. Certa vez, iniciei pedindo ao ajudante para apagar

a luz da sala “para que o lobo mau não nos encontrasse”. A partir daí começaram a imaginar a história... Ficaram muito apreensivos em cada detalhe. Nunca os vi tão “ligados” na história. Quando o lobo mau batia na porta (o som foi feito) eles se olhavam, depois incrementei um pouco a história dizendo que os porquinhos riam do lobo mau quando este não conseguiu derrubar a casa mais forte deles, a de tijolos. Eles ajudaram o lobo a inflar o peito e assoprar para derrubar as casinhas. Foi muito gratificante. Em seguida à contação retomamos todos os passos do lobo e todos ajudaram com muito entusiasmo.

Num outro dia, a Lenda do Cuco foi tão bem aceita que pediram pra contar de novo. E contei novamente. Ficaram muito atentos quando no relato descrevia um pouco da floresta e alguns dos bichinhos que estavam a perigo quando a bruxa saía para caçá-los para enfim colocá-los no caldeirão. O pássaro Cuco é que alertava os bichinhos para que pudessem fugir das garras da bruxa. Todos ajudaram a fazer o som do “Cuco” na história depois que ele foi pego pela bruxa e ainda mesmo assim ele encontrou uma forma de continuar alertando os amigos quando a bruxa saía de casa.

Percebi que quando os contos são lidos em sala de aula pouco contribuem para as crianças porque logo dão lugar à outra atividade, diluindo-se, dessa forma, a impressão causada pela história. O narrar, ao contrário, possibilita que as crianças mergulhem na história e possam meditar sobre ela. A audição cria uma atmosfera de intimidade que favorece a conversação posterior, levando à reflexão e oferecendo possibilidades de enriquecimento emocional e intelectual. Bettelheim complementa dizendo “Só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente aquilo que um conto evoca na sua mente consciente” (Bettelheim, 1980: 26) É interessante repetir as palavras do terapeuta e educador: “o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido” (Bettelheim, 1980, p.185). O autor acredita que o contar favorece o envolvimento emocional.

Quando da elaboração dos trabalhos referentes às histórias contadas oralmente, os alunos mostraram-se bem mais detalhistas nas conversações e nos desenhos do que em outras situações quando a história havia sido narrada. Uma das alunas desenhou todos os bichos da história e vinha mostrar cada um. Na

literatura oral o campo da imaginação é alimentado, pois cabe à nossa imaginação dar continuidade às situações narradas e/ou destinos aos breves personagens. Foi interessante e participação na atividade. Numa outra oportunidade, fizemos a rodinha e logo iniciei a história “Os sete cabritinhos”. Mais uma vez o retorno da história ficou muito bom. Ficaram prestando atenção e participaram da contagem dos cabritinhos. Encontrei aqui mais um lado positivo da contação oral da história. Quando me dei conta, eles estavam contando junto melhorando desta forma a capacidade de contagem. Especialmente, neste momento consegui estabelecer uma relação das reações das crianças com a fala de Coelho (1997) quando ele diz que “a criança é atraída particularmente pelas histórias bem humoradas em que a astúcia do fraco vence o Mal”, pois demonstraram muito entusiasmo pela astúcia da mãe dos cabritinhos em relação ao lobo mau. Enfim, cheguei a conclusão que também podemos contar história sem recursos, é só caprichar na encenação e sons. Conforme a professora e, também orientadora, Gládis Kaercher relata quando confirma meus pensamentos:

[...] Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas caminhos novos apontados, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa).” (KAERCHER)

Por sua vez, Abramovich coloca em sua obra “**Literatura Infantil Gostosuras e Bobices: Pensamento e ação no magistério**” as concepções de alguns escritores sobre o encantamento pelos contos. Ela relata que Anna-Maria de Lemos Bittencourt em seu trabalho “Encantos e desencantos dos Contos de Fadas” sugere que é a musicalidade imprimida pelo narrador que embalando o espírito do ouvinte que provoca prazer e encantamento. (16) Tatiana Belink, escritora e defensora das fadas diz que os contos encantam porque fazem rir e chorar e que o conto é um treino para as emoções. (17) Da mesma forma, ela lembra dos povos orientais que consideravam os contos orais mais do que um estilo literário. Eles acreditavam que através deles era possível indicar condutas, resgatar valores... (17)

Podemos afirmar, então, que seja pela musicalidade, por fazer rir e chorar, seja pela indução de valores, pela luta do bem contra o mal, seja pelo desenvolvimento da criatividade e da imaginação que os contos propiciem, o fato é que devemos proporcionar aos alunos as contações orais muito mais vezes do que estamos acostumados na nossa prática educativa, o que pude comprovar pessoalmente dentro do período do Estágio Supervisionado.

3.2 A simbologia das histórias infantis

Durante muitos anos, os contos de fadas e outras histórias infantis estiveram presentes nas horas que antecediam o sono das crianças de milhares de famílias. De certa forma e ainda que inconscientemente nossos pais e avós nos permitiam fantasiar e simbolizar, dando asas à imaginação, algumas questões que precisavam ser elaboradas. A cada história, podemos traçar novos caminhos, novas articulações e novos significantes de acordo com as necessidades.

Desta maneira, encontramos nas histórias infantis, "disfarçados" em personagens ou no enredo, as instâncias psíquicas, as pulsões, a questão simbiótica da relação mãe-criança, a vivência das questões edípicas e da angústia da castração. Também vivemos e convivemos com a ambigüidade das figuras materna e paterna; a mãe boa, a mãe suficiente e necessariamente má, o pai omissivo, o idealizado, o real, o fantasiado, o terrível. Convivemos também com a rivalidade fraterna, com o ciúme, com o irmão que passa, por transferência...

Sendo assim, pareceu-me interessante apontar alguns aspectos de algumas das histórias contadas oralmente para meus alunos durante o Estágio Supervisionado. Dentre as histórias, encontrei subsídios que falassem da simbologia destas referentes a "João e Maria" e "Os três Porquinhos.

Existem histórias em que vemos representadas prioritariamente as figuras paternas. Encontramos nesses dois contos a simbologia da função paterna - a quebra do vínculo: o pai de “A Bela Adormecida” retira a filha de casa, deixando-a aos cuidados de três camponesas; o pai de “Branca de Neve”, representado pela figura do caçador, poupa sua vida, mas abandona a menina na floresta, para que ela possa lidar com suas questões inconscientes. E, a história se repete em “João e Maria”, história contada oralmente por mim, onde embora o pai nos pareça omissos, ao permitir que a madrasta os abandone na floresta, na verdade está exercendo sua função, permitindo assim o desenvolvimento das crianças.

Podemos dizer que esse pai que obriga as crianças a crescer, pode ser encontrado no Lobo Mau de “Os Três Porquinhos”, outra história contada por mim, pois o medo de serem devorados e a necessidade de lidarem com a perda de suas casas não suficientemente seguras leva os porquinhos a construírem uma casa mais sólida onde se encontrem seguros do perigo da castração.

Conforme as leituras feitas, a observação de Freud (1956) sobre fobias infantis nos mostra que o animal temido simboliza o pai. A função paterna tem relevante importância, tanto no processo de desenvolvimento emocional quanto no processo de aprendizagem: a necessidade de um corte na relação mãe-criança. O sujeito que não tem elaboradas as questões da castração, não consegue lidar com a falta e como consequência temos as dificuldades de aprendizagem relacionadas à escrita, apresentando como sintomas, a dificuldade na segmentação, na separação de sílabas e também na subtração e divisão. De início, representam aquela que alimenta, acolhe, dá carinho, o seio bom. Depois, como se faz necessário ao desenvolvimento da criança, tornam-se suficientemente más deixando seus filhos abandonados na floresta, como assim o fez a madrasta de “João e Maria”, perseguindo e demonstrando esta rivalidade. Da mesma forma, a história “Os Três Porquinhos” também começa com a mãe encaminhando-os para a vida, tirando-lhes da casa materna para que construam as suas próprias.

Se considerarmos as instâncias psíquicas, na história “Os Três Porquinhos”, fica bastante clara a representação do Id, o porquinho que se preocupa apenas com os prazeres do brincar, o Ego que já percebe que é necessário construir uma casa

mais firme e o Superego que fortalece a casa a ponto do lobo não conseguir derrubá-la. Igualmente verifica-se também a seqüência do desenvolvimento, pois é o irmão mais velho, aquele que detém melhor o saber, mostrando que o conhecimento se constrói com o desenvolvimento e o amadurecimento.

Os adultos também fantasiam e assim como as crianças, transferem aos personagens seus desejos e suas angústias. Transportam-se não para o livro, mas para a tela da TV, na tentativa de, por meio da simbolização, elaborar os conflitos cotidianos. Vivem cada momento da novela, choram com a moça que perde seu filho, não pela moça, mas por todas as lembranças suscitadas de todas as perdas pelas quais já passaram e entram num verdadeiro processo catártico. Finda a novela, voltam à sua vida normal, já aliviados, pois o bem venceu o mal e existe a esperança de que apesar das dificuldades encontradas no caminho, é possível vencer. É essa a mensagem dos contos de fadas, é isso que impulsiona o ser humano à vida.

O conto de fadas não expressa a realidade externa, mas a interna de modo simbólico, desenvolvendo-se a partir de nossas angústias e aspirações. Permite simbolizar o trabalho psicoafetivo de nosso inconsciente.

3.3 Algumas considerações e alertas sobre a simbologia dos contos

No atendimento psicopedagógico encontram-se crianças e também adultos com diferentes sintomas. O reconhecimento desses sintomas depende do olhar e da escuta psicopedagógicos, no sentido de buscar nas entrelinhas, nos atos falhos, nas projeções que o paciente faz as possíveis causas dos distúrbios de aprendizagem. Pensando desta forma, não seria a criança que suprime letras a mesma que em casa "engole" certas situações que afetam o seu emocional? E, aquela que se

encanta com a história do “Patinho Feio” não é a mesma que se sente rejeitada em sua realidade? Aqui não se refere à realidade que circunda a vida dessa criança, mas à sua realidade, à maneira como sente. As fantasias inconscientes nos levam a simbolizar de diferentes maneiras, situações diversas.

O aprendizado ocorre quando sublimamos, quando transferimos um objeto de desejo para outro, no caso, o conhecimento e isso ocorre quando o indivíduo pode libertar-se da autoridade dos pais, o que sem dúvida, constitui um dos atos mais necessários, embora também dos mais dolorosos, ao seu desenvolvimento. Libertar-se da autoridade dos pais implica quebra da relação simbiótica com a mãe, elaboração das questões edípicas e angústia da castração.

Segundo Bettelheim (1996) o conto de fadas é o espelho onde podemos nos reconhecer com problemas e propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação. A moral dos contos de fadas é a que torna desejável o bem pela recompensa, sob a forma da posse do objeto da busca e pune o mal com o fracasso ou com a morte daqueles que se entregam à pulsão destruidora do id.

Sob uma perspectiva moderna, os contos de fadas ofereceram para muitos escritores contemporâneos um território de liberdade não só para expressarem suas crenças, mas também suas revoltas. Como afirma Warner (1999), protestos e contos de fadas são parceiros de longas datas e o encantamento dos contos de fadas oculta interesses, crenças e desejos sob imagens brilhantes e sedutoras, que são em si uma forma de camuflagem, e permite ousar dizer o que se deve calar.

Os contos de fadas, as histórias infantis, devido a sua estrutura simbólica implícita nos enredos e personagens que atuam no nível inconsciente no desenvolvimento da história, desempenham um papel fundamental para a conduta humana, que o sujeito, seja ele criança ou adulto, dedica-se a elaborar no decorrer de seu desenvolvimento. Ainda esclarecem inconscientemente os processos e conflitos internos que o sujeito vivencia de forma simbólica e impessoal, para que tenha a oportunidade de visualizar seus conflitos como um observador, auxiliando dessa forma, nas resoluções e promovendo o amadurecimento emocional e cognitivo.

3.4 O Professor e a Contação de História.

A partir das leituras feitas vemos que se perguntarmos a qualquer educador sobre o que pretende quando leva o livro para a sala de aula, a resposta será sempre a mesma: queremos criar nos pequenos o hábito de ler. Em outras palavras, pretendemos que criança e jovem tenham, pela vida afora, a leitura como forma de enriquecimento. Sabemos que a leitura é uma forma altamente ativa de lazer. É importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquela que torne o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto. Busatto defende mais as histórias contadas oralmente quando fala que:

[...] acredito que ler histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico, porém contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete àquela figura ancestral que, ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, àquilo que havia sido gravado na sua memória através da sua oralidade. (BUSATTO, 2003:10)

Porém, como relata Coelho (1997) “a criança é atraída particularmente pelas estórias bem humoradas em que a astúcia do fraco vence o mal”. Bettelheim(2002) reforça esse argumento e diz que é importante também destacar a “leitura emocional” que os sentimentos e as emoções mostram até inconscientemente.

[...] a leitura de uma história para a criança deverá ser realizada com todo um envolvimento emocional na história e na criança, com empatia pelo que a história pode significar à ela. As histórias que encantam as crianças são certamente encantadoras também para os adultos que se permitem e deixam levar pela leitura. Podem ser estórias engraçadas, profundas, sentimentais ou simplesmente belas; podem ser curtas ou extensas, com muitas ou poucas ilustrações, mas devem sem sombra de dúvida provocar emoções. BETTELHEIM (2002)

A maioria dos professores que trabalham com contação de história defende a idéia de que tal momento proporciona interação entre eles (alunos) a sala de aula e o professor, e que, além do mais, desperta o interesse e o prazer pela leitura, instigando assim a formação de bons leitores, que seria o que lê e compreende. O profissional da educação, quando passa a contador de história, faz do exercício de contar a sua maneira de falar, deixa de ser pessoa simplesmente e adentra em um mundo que só a criança compreende. A rotina de sala de aula, enfadonha, se

transforma na subjetividade do prazer, vai além da sua essência, seu objetivo e finalmente o seu por que.

[...] Contar história e dialogar em várias direções: na arte, na do outro, na nossa! Os objetivos podem mudar – é recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é integrar – podem se alternar, mas nunca acaba com o prazer de escutar! De participar! De criar junto! (SISTO, 2001, p. 95)

Os contos fomentam a possibilidade de vida cooperativa, interativa e até fraterna; mas o que importa na verdade é esse clima favorável à aprendizagem, que a maioria das escolas acaba por ignorar. Contudo, a escola não é a única responsável pela negação do valor dos contos. Há um histórico de desvalorização dos mesmos, desde o seio familiar já que não se incentiva o ato de ler; não se conta mais casos nas rodas de fogueiras, ou nas soleiras das portas; são as culturas, e brincadeiras de infância, que "já não importam mais".

[...] É importante ressaltar o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos, ou folheiem algumas literatura infantil, levando-os a dizerem o que imaginam o que irá acontecer na página seguinte. (JOLIBERT, 1994, p. 129).

Para refletirmos um pouco sobre a realidade da contação das histórias dentro do ambiente escolar, fiz uso da pesquisa de inspiração etnográfica, ou seja, uma metodologia da antropologia, buscando um jeito diferenciado de fazer a pesquisa, uma vez que professores da Educação Infantil da instituição contribuíram relatando suas práticas através de uma entrevista semi-estruturada. Além disso, estou inserida neste contexto observando falas de educadores e posturas das crianças em relação às contações de histórias, também a prática do fazer pedagógico para esta demanda e a análise das entrevistas semi-estruturadas buscando saber a opinião de educadores sobre a presença das histórias no contexto escolar. A quantidade de profissionais consultados somou sete na mesma instituição que estou inserida. Estes possuem de 4 a 6 anos de experiência com Educação Infantil com exceção de uma que está iniciando a experiência neste ano. A entrevista continha cinco questões:

- 1) O que você entende por literatura oral e em que aspectos ela contribui na formação do seu aluno?

- 2) Você costuma contar histórias na sala de aula? Com que frequência? Algum recurso é utilizado?
- 3) Que tipo de histórias você propicia aos alunos nestes momentos.
- 4) Existe planejamento prévio ou as histórias são contadas espontaneamente.
- 5) Fale um pouco da satisfação ou não dos alunos.

Analisando as respostas dos entrevistados, pude verificar que das sete respostas à primeira questão onde se questiona o que entendem por literatura oral, seis responderam e associaram que a literatura oral são as histórias contadas oralmente pelos professores. Uma colocou que a literatura oral são as histórias. Da mesma forma citaram que as histórias desenvolvem a imaginação, oralidade, fantasia, aquisição de conhecimento, proporção de prazer, desenvolve competências lingüísticas básicas que seriam falar, escutar, ler e escrever, contribui na atenção, na sequência lógica, ajuda a lidar com a ansiedade e a superar obstáculos. Nessa primeira questão me chamou atenção a resposta de uma colega *“É passar oralmente as histórias, contribui na atenção e compreensão, pois quando conhecemos a história, e devemos conhecê-la, ao contá-la sem ler, passamos mais realidade, mais envolvimento.”* Ela afirma que devemos conhecer a história. Para quem está narrando (contando), o conto significa a realização simbólica de um desejo; o contador domina a platéia como se fosse um caçador abatendo sua presa, *“vem daí o prazer em contar, prazer de dominação – associado ao sentimento de pegar aquele que escuta na sua armadilha”* (Zumthor, 1997, p. 55). *“Antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador”* (Busatto, 2003, p. 55). É necessário que exista identificação entre conto e contador, para que este possa conduzir a narrativa da melhor forma. Cada contador coloca nas histórias um pouco de sua personalidade, priorizando passagens que, de alguma forma, dialogam mais com seu íntimo. É essa identificação entre o conto e seu contador que faz a diferença, pois dessa integração dependerá o sucesso da performance.

Partindo para a segunda questão onde se questiona a frequência e uso de recursos com as histórias todos entrevistados fazem uso regularmente das contações de histórias. Acredito que somente não ficou especificado se contam oralmente ou narram elas nesta frequência. Os recursos são os mais variados

possíveis: livro, fantoche, máscaras, varal, painel, flanelógrafo, gravuras, varal didático, computador, sucatas, fantoches de dedo e palito e caracterização de personagens. Por coincidência um dos entrevistados afirmou que *“neste semestre o projeto que estamos desenvolvendo tem como título “Brincando e aprendendo com as histórias infantis”.*

Na terceira questão onde deveriam relatar o tipo de histórias que propiciam aos alunos temos aqui algumas das respostas: adapta as histórias com a idade dos alunos, histórias menores, buscando a participação deles com movimentos e sons; conta histórias diversificadas, porém utiliza mais as de cunho moral; conta histórias que estejam ligadas ao projeto que se está trabalhando e normalmente de animais, pois é o que chama atenção dessa faixa etária, também clássicos da literatura, um conhecimento que trazem de casa; histórias compatíveis com a idade e não muito extensas;

A partir das respostas acima, mais uma vez procurei apoio em Zilberman (1993) quando o mesmo reforça que a escola na sua função alfabetizadora está valorizando somente “a escrita”, de tal maneira que menospreza a função lúdica da Literatura Infantil que é tão importante para a formação de seres pensantes, pois a leitura estimula a imaginação. O processo de alfabetização escolar ainda é feito de forma mecânica e estática, fazendo com que a criança se afaste dos livros, seja por ter sido alfabetizada de maneira inadequada, seja por desejar esquecer experiências didáticas desprazerosas. Constatei que pelo menos o grupo de profissionais da minha instituição está preocupado em desfazer este estigma de que o processo de alfabetização, incluindo a Educação Infantil, é feito de forma mecânica.

Chegando à quarta questão onde deveriam falar se existe planejamento prévio ou as histórias são contadas espontaneamente, encontrei esta afirmação *“Planejo a contação de história e aproveito e realizo algumas atividades referentes, mas também conto histórias “por contar” pelo prazer que proporcionam principalmente aos alunos.”* Outros apontaram que as contações também ocorrem espontaneamente dependendo da ocasião e que as mesmas *“são planejadas, em turmas agitadas, às vezes invento na hora”.* Aqui posso me remeter a algumas das minhas inquietações iniciais quando precisei usar o recurso da contação das

histórias oralmente por perceber a agitação da turma. Por conseguinte consegui, através das contações orais e da participação da família, prender mais a atenção e concentração dos meus alunos.

Dessa forma, é importante que o profissional da educação procure caminhos múltiplos, que permitam que cada aluno encontre o seu lugar. Enfim, existe algo mais simples, menos pesado do que compartilhar, interagir com seus filhos os diversos encontros com o escrito, com a história oral, que marcam naturalmente a vida familiar diária? E, conseqüentemente, segundo, Bettelheim (2000, p. 25) ajuda a formar, a desenvolver a personalidade. Nem todos os pais participam da mesma maneira da escola e do sucesso escolar de seus filhos. A família e a escola necessitam entender que enquanto o conto o diverte também esclarece sobre si mesma, dando muitos significados a sua existência.

A última questão respondida nos remete a uma das partes mais importantes dentro da contação das histórias, a satisfação dos alunos e, por isso, merece o apontamento de cada resposta dos entrevistados:

“No momento da história os alunos ficam em silêncio total, ansiosos para ouvi-la. Neste momento, percebo o quanto “viajam” na história, pois podem ser quem e o que quiserem e, sempre logo após o final vem a expressão “conta de novo”.”

“Os alunos no M3 gostam muito de ouvir histórias, praticamente todos ficam atentos e fazem perguntas demonstrando interesse. Gostam também de contar histórias utilizando-se de livros como a professora.”

“Eles demonstram gostar bastante, mas percebem se a professora conhece a história, se sim, se prendem mais. Sempre pedem histórias.”

“Eles adoram ouvir todos os tipos de histórias, ficam atentas e comentam sobre elas depois.”

“Meus alunos gostam bastante da hora do conto, costumam prestar atenção e fazer vários comentários sobre a história, fazem uma releitura oral, do jeitinho deles.”

“Meus alunos gostam bastante da hora do conto, costumam prestar atenção e fazer vários comentários sobre a história, fazem uma releitura oral, do jeitinho deles.”

“Sinto que os alunos gostam muito desse momento de história, sente muito satisfação e participam atentamente quando proposto alguma atividade, por exemplo, imitar o som do bichinho que aparece na história, entre outras...”

[...] São ímpares, não como forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é, o significado do conto é diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. (BETTELHEIM, 2000 p. 20).

Se a leitura é, sobretudo, a compreensão dos outros, a contação de histórias possibilita, sobretudo, a compreensão do próprio sujeito. Os professores pontuam duas coisas importantes, a primeira é que sempre é tempo, ainda, de procurar reatar os laços com os momentos de contação de história na própria escola, e desfazer as barreiras criadas em torno dos contos de fadas. E a segunda, é que não podemos nos agarrar a nossas dificuldades, travando assim o crescimento dos alunos. A nossa responsabilidade maior é descortinar para eles mundos novos, cujo caminho pode ser o da fantasia que nasce da contação de histórias. Posso destacar que o grupo de profissionais entrevistados está de parabéns, pois estão fazendo de forma positiva seu papel de educados quando utilizam a contação das histórias desde a base da educação: na Educação Infantil.

A figura do narrador oral, contudo, está se esmaecendo na atualidade, pois como diz Walter Benjamin (1994, p.200-201), cada vez diminui o elenco de pessoas que sabem narrar: “a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. Isso se apresenta como uma perda, pois os narradores sempre se constituíram em fonte por excelência dos escritores. Contudo, pode-se dizer que essa tradição está sendo resgatada quando bibliotecários realizam a *Hora do Conto*, pois, ao dizer um texto em voz alta, assumem o papel das fiandeiras e dos jograis e, da mesma forma, podemos contar ainda com os profissionais da Educação Infantil que não estão deixando de lado a arte de contar oralmente as histórias.

4 FECHANDO A TEMÁTICA...

Durante muito tempo, os contos de fadas estiveram esquecidos, desprezados e banidos sob a alegação de irreais e selvagens, considerando suas tramas, geralmente muito dramáticas. Depois que a psicanálise desmistificou a "inocência" e a "simplicidade" do mundo da criança, os contos de fadas voltaram a ser lido (e discutidos), justamente por descreverem um mundo pleno de experiência, de amor, mas também de destruição, de selvageria e de ambivalências. Depois disto, o que dizer então de um dos livros mais antigos? A Bíblia. Que fala também através de histórias, e como esquecer os contadores de histórias das sociedades tribais, primitivas, em seus papéis de transmissores da história e do conhecimento acumulado por gerações em crenças, mitos, costumes e valores preservados pela comunidade?

[...] A literatura para o espírito e os grandes pensadores foram banidos das prateleiras. Os meios de comunicação nos oferecem uma avalanche de inutilidades que entorpecem os sentidos. O lazer se tornou uma indústria fértil, promissora e deseducadora, que causa mais ansiedade que prazer, e o barulho é a tônica da atualidade. Vivemos um tempo onde *ter* vem antes do *ser*, como em outros tempos *pensar* veio antes de *existir*. (BUSATTO, 2003.50)

Se formos tocados pelas mensagens dos contos e meditarmos a partir deles aprenderemos o que eles querem dizer, e talvez seja possível passarmos adiante com uma voz diferenciada, o que eles já disseram e continuam dizendo. Nós como educadores devemos estar cientes da urgência em realizar esta tarefa, ou seja, mostrar opções para as crianças trilhar seu caminho. Acredito que além do saber dirigido às aptidões materiais, devemos também dar atenção ao saber dirigido ao espírito, e este conhecimento nos é oferecido pelos contos.

Complementando, não importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos apropriar dele para encantar, é necessário a consciência de que “o amor à palavra é uma virtude: seu uso uma alegria” (Zumthor, 2001)

Podemos afirmar que recuperar a literatura oral implica em colocar a memória para funcionar, buscar através das lembranças aquelas histórias que ouvíamos quando éramos pequenos. É solicitar à mãe, ao pai, aos avós que nos contem histórias que por sua vez ouviam de seus pais e avós. Poderemos nos surpreender com o que vamos ouvir. Busatto (2003) já dizia que recuperar o conto de literatura oral é também perpetuar a nossa cultura e a nossa história

Observamos ao longo deste trabalho que ao ler uma história a criança desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode sentir-se inquietada, "cutucada" querendo saber mais e melhor ou, ainda, perceber que pode mudar de opinião. Isso não deve ser feito somente uma vez ao ano, mas deve fazer parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo.

A escola precisa se apropriar das histórias infantis com o intuito de levar a criança a resolver seus próprios conflitos, importantes para elas, mesmo quando para a escola esses problemas lhes parecerem fúteis. Levando-se em conta a importância, ao menos quantitativa, que a escola tem na vida infantil. Há que se transportar para a escola também o objeto mágico para conformá-la aos desejos da criança e torná-la mais humana. Somente a partir dessa humanização da própria escola, é que a aprendizagem se tornará prazerosa e conseqüentemente significativa.

[...] Contar histórias pressupõe deixar de lado algumas técnicas pedagógicas aprendidas e ir em busca de algo que foi esquecido. E que permanece em algum lugar do nosso ser, como um conteúdo arquetípico, recebido de herança dos nossos antecessores... Não pretendo com isso que o professor seja uma biblioteca ambulante, dadas as várias histórias que ele teria de

memorizar para depois contá-las. Mas sensibilizá-lo para a importância de recuperar este traço da oralidade. (BUSATTO, 2003.10/11)

Dentro do ambiente escolar, podemos ainda repensar o ato de contar histórias e concluir que a história contada oralmente de qualquer maneira implica em muitos riscos na sua finalidade que é de encantar, soltar a imaginação, sentir prazer ao escutar, entre outros. A facilidade com que alguns contadores de histórias fazem uso das histórias, acreditando que basta saber um resuminho da mesma para querer apresentar a história para a criança termina por frustrar as expectativas dos ouvintes, ainda mais se tratando de crianças. Da mesma maneira, a partir do uso do resuminho por parte dos que se acham bons contadores, também acabam por pecar em tirar partes do texto que eliminam totalmente o encantamento pela história narrada e, quanto mais sucinto for elimina todo o simbolismo encontrado nos contos. Ítalo Calvino (2001) fala da *pedagogia da imaginação* e alerta que corremos o risco de perder uma...

[...] faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em focus visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens. (CALVINO, 2001:18)

Contudo, resgatando o gosto pela leitura e pela contação oral estaremos contribuindo para que as crianças sejam pessoas mais bem-resolvidas no futuro. Quando os educadores se conscientizarem desse papel, ocorrerá a grande e esperada transformação na educação. Assim sendo, nada mais oportuno que iniciar essa atividade desde a Educação Infantil, pois se conseguirmos fazer com que a criança tenha contato com contos e poesias na escola e nos lares desde cedo, ela conquistará significativo avanço intelectual e assim poderemos desmistificar o paradigma que crianças menos favorecidas socioeconômico e culturalmente não aprendem a ler e escrever porque não tiveram contato com materiais apropriados desde pequenas.

Na vida estamos sempre aprendendo e este trabalho serviu como mais um aprendizado na minha prática educativa. Para confirmar meu pensamento trago as palavras de Paracelso “a aprendizagem é a nossa vida, desde a juventude até à velhice, de fato quase até à morte; ninguém vive durante dez horas sem aprender”.

Sendo assim, a partir deste trabalho pretendo inculcar nos educadores que trabalham com crianças da Educação Infantil, a conscientização de que a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento e gosto pelas contações orais da mesma forma que pelas narradas. Baseando-se nisto verifica-se que o papel da literatura infantil dentro da Educação Infantil é de extrema relevância para o desenvolvimento do gosto pelas histórias e leitura, para a conquista da linguagem oral e escrita e o que consideramos primordial na educação atualmente – para a formação integral do aluno como cidadão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**: Pensamento e ação no magistério. São Paulo: Scipione, 2004. 5ª edição;

BELINK Tatiana **Os contos de Grimm** São Paulo: Paulus [tradução] 1989;

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994;

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002;

_____, Bruno. **A Psicanálise dos contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980;

_____, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlete Caetano, 11ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. In <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=266> ;

_____, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000;

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994;

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2003;

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001;

COELHO, N.C. **Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1997;

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004;

GILIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999;

JOLIBERT, Josette e colaboradores. **Formando crianças leitoras.** Volume 1; Tradução Bruno C. Magne, Porto Alegre: Artes Médicas, 1994;

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** 3ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984;

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão: Leitura crítica dos meios de comunicação.** São Paulo: Edições Paulinas, 1991;

Referenciais Curriculares nacionais para a Educação Infantil (RCN/EI), publicados pelo MEC em 1998;

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Chapecó: Argos, 2001;

TRANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. M. M. R. **Visões de professores sobre as famílias de seus alunos:** um estudo na área da Educação Infantil. Disponível em <http://www.anped.org.br> Acessado em 18 de maio de 2004;

VICTORA, Ceres Gomes. **Pesquisa Qualitativa em Saúde:** uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000;

WARNER, Marina. **Da fera à loira:** sobre contos de fadas e seus narradores. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Cia das Letras, 1999;

ZILBERMAN, Regina. **A leitura na escola.** Em Zilberman, R. Leitura em crise na escola. Porto Alegre: Mercado Aberto. P. 9-22. 1993;

_____, Regina. **A Literatura Infantil na escola.** 8ª edição. São Paulo: Global, 1994;

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo ia das letras, 1993;

_____, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997;

ANEXOS

AUTORIZAÇÃO

Me chamo Sirlei Wolschick de Souza, professora da Escola Municipal de Educação Infantil Leopoldo Sefrin e aluna do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Informo que as questões abaixo servirão de base para a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso que terá como principal foco saber como os profissionais da educação deste estabelecimento de ensino lidam com as Histórias Infantis dentro do ambiente escolar. Comprometo-me em manter sigilo dos dados que possam identificar os sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Eu, ----- autorizo a utilização dos dados fornecidos neste questionário para fins de pesquisa sobre as Histórias Infantil na Educação Infantil.

Sapiranga, setembro de 2010.

Assinatura _____

- 1) O que você entende por literatura oral e em que aspectos ela contribui na formação do seu aluno?
- 2) Você costuma contar histórias na sala de aula? Com que frequência? Algum recurso é utilizado?
- 3) Que tipo de histórias você propicia aos alunos nestes momentos.
- 4) Existe planejamento prévio ou as histórias são contadas espontaneamente.
- 5) Fale um pouco da satisfação ou não dos alunos.